



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE SAÚDE, PROMOÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MULHER

PRESIDENTE: CALVO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 18/03/2014

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Na qualidade de Presidente da Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher, declaro abertos os trabalhos da 2ª audiência pública, do ano de 2015, que tem como pauta a proliferação da dengue na cidade de São Paulo.

Presentes os Srs. Vereadores: Aníbal de Freitas, Netinho de Paula, Wadih Mutran, Noemi Nonato, Natalini, Patrícia Bezerra e Calvo. Está plena a Comissão.

Informo que esta reunião é transmitida pelo Portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.camara.sp.gov.br, link Auditórios On-Line.

Gostaria de convidar, para compor a mesa conosco, as duas únicas autoridades que responderam ao nosso chamado.

Consigno aqui o nosso protesto, até porque ontem eu falei com o Presidente, na reunião de Líderes - demais Vereadores são testemunhas e tantos outros assessores - e ele garantiu que hoje mandaria.

O SR. NATALINI - Quem foi chamado e quem compareceu? O senhor poderia dar os nomes?

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Apenas vou convidar, logo passo para o senhor, os dois representantes da Covisa. Queríamos os representantes que eram agentes de zoonoses, hoje são técnicos no combate a endemias.

Dr. Alessandro Giancola, por favor, venha conosco. Seja bem-vindo, gostaria de saudá-lo com uma salva de palmas. (Palmas) Obrigado por ter respondido ao nosso chamamento.

A Dra. Nilma Morimoto, também representa a Covisa, da Secretaria Municipal. A senhora é parente do Morimoto? (Pausa) Mande um abraço para ele. Seja bem-vinda, muito obrigado. (Palmas) O Morimoto dirige os hospitais da rede pública municipal.

O que ocorre? Esta Comissão saiu na frente tardiamente, porque a escalada da dengue, na cidade de São Paulo, foi muito rápida. Uns dizem que foi porque faltou água,

começamos a armazenar água em casa sem cuidados. A imprensa tem responsabilidade nesta questão, estimulou as pessoas a guardarem água de chuva, mas não falou dos cuidados contra a dengue. Eu acompanhava os jornais todas as manhãs. Agora que a coisa está grave, eles estão mudando.

Nós pedimos divulgação à Secretaria de Comunicação, da Prefeitura, junto com a Comunicação, da Câmara, porque entendemos que deve ter propaganda para o povo. O combate ao mosquito *Aedes aegypti*, que transmite a dengue, é dever de todos nós. Está se tornando algo tão alarmante que, na minha região, Casa Verde e Bairro do Limão, se fôssemos pegar por região pode-se considerar epidemia. Nós temos as divisas naturais, onde são formadas as vilas e os bairros, pois São Paulo tem extensão de país.

Se for uma parte por cada 100 mil habitantes, se reduzirmos uma área confinada, menos habitantes, essa parte claro que, proporcionalmente, é muito maior. Então é epidemia. Nós já tivemos mortes na cidade de São Paulo.

Nós avisamos, na última audiência pública - não sei se os senhores estavam presentes -, mas fizemos no ano passado, chegamos a ver as condições de trabalho dos agentes de zoonoses. Nós falamos com os técnicos. Geralmente quando sobe muito, o estudo epidemiológico mostra que no ano seguinte abaixa. Olha lá se não aumenta. Eu queria ter me arrependido de ter falado isso, porque está aí. Mas também o seguro morreu de velho.

O que não está acontecendo? Estive checando esses focos. No ano passado, esses agentes, que eram os agentes de zoonoses, vieram aqui reclamar dos seus equipamentos, das secretarias, desvio de função e melhor salário. Nós conseguimos intermediar, eles foram para a Secretaria de Saúde. Não sei como está a organização dos equipamentos de trabalho.

Neste ano eles não fizeram o trabalho preventivo. Isso foi o que constatei. Eu vou passar para os senhores responsáveis, da Secretaria Municipal de Saúde, inclusive o Dr. Eurípedes, porque é muito sério. No ano passado houve, porque em novembro, dezembro,

janeiro, eles percorreram as casas dessa região, pelo menos os vinculados na região. Não sei o que aconteceu, mas neste ano não foram.

Depois que começou a corrida aos prontos socorros da nossa região, os postos de saúde ficaram abarrotados de pessoas com dengue, ou suspeita de dengue, a subprefeitura teve de emprestar algumas peruas para que se iniciasse um trabalho. Pelo menos se iniciou, mas tardiamente. Será que não poderia ter sido evitado?

Por que a zona Norte responde por quase 50% dos casos de dengue na cidade de São Paulo? Estão prevendo mais dois meses de grande evolução, infelizmente, na transmissão da dengue. Não é?

Eu tive uma febre muito alta, do nada, na sexta-feira. Fui para o hospital porque tomo remédio depois que fiz angioplastia, há risco de sangramento. Passei o final de semana internado, graças a Deus não deu a dengue. Por isso estou com a voz assim, mas é outra infecção que não pega. É algo como sinusite, ou nos brônquios.

Mas olha a tensão em que se vive. Sou bem alimentado, graças a Deus. E os outros? E os nossos idosos? E os nossos bebês, nossas crianças?

O mosquito é algo que mostra a nossa impotência, o nosso orgulho do Governo. O orgulho de ser Prefeito. Porque um mosquitinho derrota qualquer um de nós. Creio que é algo que deve ser pensado com prioridade, mais do que as ciclovias, mais do que as pontes. Agora é hora de combater epidemia, de não deixar mais ninguém morrer.

Fico revoltado com essa situação, quando fica-se discutindo outras coisas que não seja uma política efetiva, política para valer em todos os cantos da cidade de São Paulo. Quero que não aconteça em outros bairros o que está acontecendo nos meus vizinhos.

Aí a gente já vê a deficiência desses hospitais do Estado, inclusive. Os hospitais do Estado como o da Vila Penteado, eles não estão conseguindo sequer a demanda corriqueira, quanto mais agora nessa escalada da dengue, quando o paciente precisa de um diagnóstico rápido, de tratamento suportivo também rápido, dependendo das suas condições físicas, para

não vir a óbito. Quanto vale uma vida?

Acredito que quem está aqui hoje é vinculado à Saúde, ou está preocupado com a sua região, ou são funcionários da área da Saúde, porque a Comunicação não veio. Nós queríamos esse compromisso, ou seja, que a Comunicação e a Prefeitura anunciassem nas rádios, televisões, panfletos, colocando todo mundo em alerta. Não tivemos esse respaldo. Fica o meu protesto para o Secretário que não atendeu ao nosso chamado de comunicação.

Aqui na Casa, ontem, o Presidente garantiu para mim: “Não, Calvo, estou mandando alguém lá, alguém da mídia aqui, vamos fazer, pelo menos para TV Câmara?”. Porque a TV Câmara está aqui no nosso orçamento, também, é uma prestação de serviço. Agora, por que V.Exas. estão aqui, por que esses técnicos estão aqui? Porque são pessoas abnegadas. Veem com o mesmo carinho, com o mesmo respeito essa questão da doença, principalmente em estado de epidemia, ou de endemia que está acontecendo, infelizmente, não só na cidade de São Paulo, mas em todo o Estado e no Brasil.

Quer dizer, são pessoas que dão a própria vida pelo próximo. Então, acredito que essa audiência pública vai, realmente, frutificar.

Depois que começamos a pedir audiência pública, a Secretaria Municipal de Saúde, na figura do Secretário-Adjunto Paulo Puttini, marca entrevista com a imprensa. Aí a imprensa via se corrigir na burrice que fez de mandar as pessoas guardarem água em casa. Uma questão, talvez, orquestrada politicamente, sem os cuidados para evitar a proliferação do mosquito.

E depois outras medidas começaram a ser tomadas. Mas, graças a Deus, esta audiência mostra que esta Comissão está atenta, e nós temos, nobre Vereador Natalini, por obrigação desta Casa, de produzir nos nossos gabinetes e exigir do Presidente que cumpra a palavra dada ontem.

Está aberta a nossa audiência pública. E gostaria, se V.Exas. não tiverem mais nada para colocar, de ouvir nossos convidados, para que mostrem a realidade de atendimento

e de combate na cidade de São Paulo. Peço para aquele que queira fazer uso da palavra que se inscreva com Verinha e Liliane.

Está aberta a nossa audiência pública sobre a escalada da dengue na cidade de São Paulo. Vamos começar com o Dr. Alessandro Giangola.

O SR. ALESSANDRO GIANGOLA – Boa tarde a todos. Agradeço à Mesa pelo convite. Meu nome é Alessandro, sou coordenador do programa da Dengue no município de São Paulo. Gostaria de mostrar para vocês nossa situação atual no município com relação à transmissão de dengue.

- O orador passa a se referir a imagens na tela de projeção.

O SR. ALESSANDRO GIANGOLA - Aqui há um quadro comparativo bem oportuno com relação ao ano passado e ao que vivemos este ano até sua oitava semana. Ano passado, tínhamos, na cidade de São Paulo, 2.581 casos notificados de dengue, até a oitava semana, e 613 casos autóctones, aqueles casos que as pessoas contraíram na cidade de São Paulo. Comparando até a oitava semana de 2015, temos 7.501 notificações e 1.833 casos confirmados, autóctones no município de São Paulo, um aumento de três vezes.

Próximo *slide*. Aqui vocês podem observar os casos, semana a semana, como se comportam no começo do ano. Desde a primeira semana até a oitava. Vemos que a curva este ano está muito mais inclinada. Então, a aceleração de aumento de casos está muito mais elevada, e ela se antecipou, pelo que pudemos observar até agora, em quatro semanas, em um mês. Então, a transmissão este ano começou muito antes, seguindo a tendência de todo Estado, que também antecipou toda essa transmissão.

Aqui só um gráfico para vocês verem a quantidade de notificados, autóctones em vermelho; importados em azul. Os cinzas são os notificados. Vocês podem ver que há um crescimento. Aquele último está menor, mas são dados provisórios. Ele provavelmente vai ficar bem acima do outro.

Próximo. Aqui, por região da nossa Cidade. Vocês podem observar que no ano de

2014 a região Norte, até a oitava semana, tinha 130 casos confirmados. Nós temos este ano 976 casos. Corresponde a 43% da incidência da cidade de São Paulo toda. Então, a zona Norte, até este momento, é a que está chamando mais a nossa atenção.

Próximo. Aqui os distritos administrativos com maiores números. Vocês podem observar que até o Parque do Carmo, tirando Pari, todo o restante é da zona Norte. Limão, ano passado com 2 casos, este ano com 104, até a oitava semana. Jaraguá, de 16 para 191; Brasilândia, de 9 para 264; Casa Verde, de 8 para 60, e Perus de 5 para 57. Então, é um acréscimo muito grande.

Próximo. Aqui só um mapa do coeficiente de incidência para vocês terem uma melhor visualização. Quanto mais escuro, maior a incidência da dengue naquela região, naquele distrito administrativo. Vocês podem observar que a zona Norte é a que está mais escura, é onde temos a maior transmissão de dengue até este momento.

Próximo. Aqui são todos os 1.833 casos. Cada pontinho desses é um caso de dengue no município de São Paulo. Vocês também pode observar que na região Norte é onde temos o maior acúmulo de casos.

Próximo. Aqui queria mostrar um dado que fazemos todo ano, que é recomendado pelo Ministério da Saúde que é um trabalho chamado Avaliação de Densidade Larvária, onde sorteamos alguns conglomerados da Cidade e os agentes de zoonoses fazem visita de casa a casa, fazendo um levantamento dos tipos de recipientes que existem naquele imóvel. Isso foi feito agora, em fevereiro.

Através disso, podemos observar, em cada região: qual o tipo predominante; o que está predominando de recipiente, com larva ou com água, do mosquito da dengue.

O que observamos foi o seguinte: comparamos com o ano passado, quando, no primeiro índice, o índice predial, que é o número de imóveis positivos vezes cem, dividido pelo número de imóveis pesquisados, estávamos numa situação satisfatória, abaixo de 1%.

Esse ano, estamos com 1.01, nós passamos para 'alerta'. Então o número de

criadouros dentro das casas aumentou muito. Isso é feito em residência onde há moradores. Não entra nessa conta: terreno abandonado, borracharia, nada disso, só imóvel onde tenha presença de uma pessoa responsável por aquele local.

Próximo, por favor.

Outro dado que chamou atenção – e já prevíamos isso – são os recipientes utilizados para armazenamento de água. Fizemos uma comparação com o ano passado também, em virtude da crise hídrica, logicamente.

Então, baldes: estamos encontrando bastante gente acumulando água de chuva em baldes. O ano passado foram encontrados nas residências vistoriadas 624, melhor 627. Esse ano passou para 2.313. E recipientes não ligados à rede e não elevados – que são aqueles depósitos como caixas d'água e outros tipos de recipiente que estão no chão e não estão ligados à rede da rua, da Sabesp – teve um incremento também de 135%. Passou de 357 para 991.

Isso tem contribuído muito também para a transmissão de maior ocorrência da dengue. Não é o único fator, isso é muito importante, mas é um fator que tem contribuído bastante.

Próximo. Aqui, são os recipientes que encontramos com larvas do mosquito nessas residências. Sempre foi e sempre será o principal recipiente que vamos encontrar – só se isso muda muito, mas não acredito – o pratinho de planta. Porque você encontra ali, na casa, um recipiente para armazenar água, mas pratinho de planta você encontra dez, 15, vários.

Então sempre ele tem em número elevado e estará em primeiro lugar. Mas só que também ele aumentou. Com larva, o ano passado: 21. Esse ano: cem.

E daí, vem, logo em segundo lugar o balde e em terceiro. Perdão, em segundo, não ligado à rede e, em terceiro, balde e regador, que são para acúmulo de água em razão da crise hídrica.

Próximo. Vejam aqui: uma situação que temos encontrado bastante no Município.

Isso é uma caixa d'água que o morador comprou para armazenar água de chuva para poder lavar o quintal e, assim, ter diminuição na conta dela. Não está faltando água na casa dela, mas ela precisava diminuir a conta dela, se não ela também pode ser multada pela Sabesp e aquela conta pode aumentar. Então ela estava armazenando água, e o recipiente estava tampado. Vocês podem observar, mesmo tampando o recipiente, antes de tampá-lo, é preciso lavá-lo. É preciso higienizá-lo, porque o ovo do mosquito fica aderido à borda do recipiente e não, na água.

Então, o mosquito já havia depositado o ovo; a pessoa tampou o recipiente, e a lava eclodiu lá dentro e, quando ela abrisse para utilizar aquela água, o mosquito voaria, podendo transmitir a doença. Essa situação é bastante complicada, e precisamos ensinar a população a armazenar a água.

O próximo slide mostra uma reunião técnica, organizada pela Secretaria Municipal de Saúde, no dia 06 de março de 2015, com a presença do Ministro da Saúde Arthur Chioro.

Reunimos vários serviços de saúde, principalmente, relacionados à atenção básica, para o atendimento do paciente com diagnóstico de dengue, porque a recomendação maior, num momento como este, é a de atender o mais rápido possível e da melhor forma possível, para que evitemos mortes. Isso é o mais importante.

Próximo slide, por favor. Sobre esse falarei de algumas atividades que estamos fazendo, mas quero deixar claro que essas atividades que vou mostrar estão fora da rotina, fora do trabalho que realizamos rotineiramente para impedir a transmissão da dengue, essas são ações a mais.

O famoso fumacê, que todos adoram e perguntam por que não o colocamos todos os dias na rua. Não posso fazer isso, porque ele tem um critério técnico para ser utilizado. Se utilizarmos o fumacê de maneira inadequada, criaremos uma população de mosquitos altamente resistente, e nunca mais mataremos os mosquitos com esse inseticida nem com essa técnica.

Então, temos que avaliar tecnicamente, previamente, se é necessário, viável naquele local; os agentes de zoonoses fazem um arrastão tirando todos os criadouros desse local e, posteriormente, em três dias consecutivos, passamos com essa máquina dentro das casas das pessoas, não é na rua.

Nesta semana, estamos realizando isso em vários locais. Realizamos já na Brasilândia, Jardim Paulistano, Casa Verde, Limão, Jaraguá, Mandaqui, mais na zona Norte, porque vimos que era necessário, mas é algo fora da nossa rotina. É um complemento às ações que realizamos.

Outras atividades que temos realizado, também, em conjunto com as Subprefeituras, é o Cata Bagulho. O Cata Bagulho é um caminhão andando pelas ruas que avisa as pessoas para retirarem os criadouros que estão dentro de casa. Assim, conseguimos retirar e eliminar uma grande quantidade de recipientes que possam acumular água.

As palestras educativas também são sempre muito importantes e pontuais; os arrastões, como eu já havia falado; a instalação de telas de caixa d'água em toda a Cidade, porque encontramos muitas destampadas. Então, a Secretaria distribui e, quando possível, instala ou pede ao morador que instale as telas de caixa d'água; a limpeza de beira de córregos – porque temos a beira dos córregos que têm mato e que podem acumular criadouros – que, se estiverem limpos, conseguiremos remover os criadouros que estão ali. Aí as pessoas perguntam: mas não é numa água limpa? É, mas isso é algo muito importante também.

E orientação e distribuição de material educativo. Pode passar, e pode passar o próximo também.

Vemos aí a atividade que estamos realizando, que é diferente, e está acontecendo desde o último mês. Acontece em locais onde temos grande circulação de pessoas que são: pontos de ônibus, rodoviárias, supermercados. Estamos aproveitando essa grande circulação de pessoas para distribuir material educativo e aproveitando para orientar a população quanto aos riscos, os sintomas e como todos podem ajudar – a sociedade, ela mesma – na prevenção

da doença. Era isso. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – O senhor poderia responder a algumas perguntas?

(Pausa) Obrigado.

Antes, porém, gostaria de convidar o Dr. Marcos Boulos para compor a Mesa conosco, representando o Conselho Regional de Medicina. Seja bem vindo. (Palmas)

O Vereador aqui se inscreveu? (Pausa)

O SR. ANIBAL DE FREITAS - Eu gostaria de fazer uma pergunta para o Alessandro, não sei se é alegria ou dúvida.

Você apresentou um quadro. Sou da região Jaçanã-Tremembé. Nasci no Jaçanã. Sei que há muitos problemas lá, mas quando vi o quadro, percebi que ele, praticamente não aparece. Não tem dengue no Jaçanã-Tremembé.

É no quadro amarelinho. Acho que é a única parte que não tem dengue em São Paulo é o nosso pedaço.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANIBAL DE FREITAS - Então o senhor poderia voltar lá, por favor. Se puder colocar. Acho que é entre zero e cinco casos.

O SR. ALESSANDRO GIANGOLA - Não são casos.

P - O que seria ali então? Pode me explicar, por favor.

R - É incidência naquela região. Não são casos. A incidência é para cada cem mil habitantes. Então é o número de casos para cada cem mil habitantes.

P - Então número de casos. Não tem?

R - Tem sim, aparece lá.

- Manifestação fora do microfone. (Pausa)

O SR. ALESSANDRO GIANGOLA - Se não me engano, dá de zero a cinco, a incidência.

O SR. ANIBAL DE FREITAS - O que seria incidência? Para eu entender.

R - É um caso em cada cem mil habitantes.

P – Um caso a cada cem mil habitantes. É o que é o simples, de zero a cinco?

R – É o número de casos para cada cem mil habitantes. De zero a cinco naquela região. Na sua região, tenho certeza que tem mais de cem mil habitantes. Em toda aquela região ali. Portanto, há mais de cinco casos para cada cem mil habitantes.

P – Então, para traduzir para mim, é assim ser algo mais prático. Quantos casos eu tenho lá? Não é Vereador Wadih Mutran, assim fica mais fácil para entendermos. Fica esquisito: de zero a cinco. Imagina os outros.

Se puder trazer o quadro, ajuda bastante, é uma maneira, inclusive, de ajudá-los, aqui não é nem crítica, nada.

R – Só um minutinho.

(Pausa)

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Posso pedir para a senhora repetir isso no microfone, para que fique gravado.

A SRA. PATRÍCIA BEZERRA - Gostaria de convidar, se o Vereador permitir, a Nanci. Ela é a Supervisora Regional de Vigilância da zona Norte. E ela tem esses dados, inclusive quero agradecer a presença da equipe da regional Norte.

O SR. ANIBAL DE FREITAS - Pode agradecer, isso é bacana, além de um prestígio à população, não só a nós. Acho que o respeito à população é fundamental.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – E essa é sua região. Vou intimar o senhor para me arrumar um quarto.

O SR. ANIBAL DE FREITAS - É minha região, nasci no Jaçanã. Não, lá tem muita dengue. Por isso estou questionando, com números tão pequenos e estou vendo tantas queixas.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Ah, porque está acontecendo na realidade.

(Pausa)

A SRA. NANCI MARÇAL BASTOS – Boa tarde a todos. Meu nome é Nanci Marçal Bastos, estou na Vigilância de Saúde da Coordenadoria Norte.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Seja bem vinda.

A SRA. NANCI MARÇAL BASTOS – Obrigada. Então o que eu estava falando em relação ao distrito administrativo do Tremembé, a população é de 205 mil habitantes. O número de casos, realmente, esse ano, está bem menor em relação ao ano passado.

Se você colocar o da semana, para fazermos o comparativo até a semana oito do ano passado, para cá acho que tem também.

Então registrados, confirmados, até o momento, temos seis casos só, autóctones, no Tremembé.

O SR. ANIBAL DE FREITAS - Esse ano?

A SRA. NANCI MARÇAL BASTOS – Esse ano. Notificações, temos 141.

Então em relação ao ano passado, realmente, o número diminuiu bem.

O SR. ANIBAL DE FREITAS - Então posso ficar tranquilo que, no Jaçanã, eu posso ficar lá e não tem?

R - Não, todo cuidado tem de ser tomado.

P – Olha, no bairro do Vereador Calvo tem mais e ele já está querendo trocar as casas.

R – A Dra. Vilma pode explicar um pouco melhor.

P – A senhora me desculpe, são os dados e eu tenho de confiar em vocês. Mas, no meu sentimento, não é isso.

R – Então, a Supervisão de Vigilância Jaçanã-Tremembé, esse ano, a preocupação maior é no parque Edu Chaves, que é distrito administrativo do Jaçanã, e não Tremembé, como foi no ano passado.

Então se pegarmos o total de casos do ano passado, até... na verdade, de

notificações só... até a semana oito temos 140 notificado esse ano.

P – No Jaçanã?

R – No Tremembé. No Jaçanã, são 90. Mas isso vai aumentando. A cada semana, temos um acréscimo.

P – Depois se puder passar para o nosso Presidente, por favor. Agradeço passar a ele esses dados. E conte com nossas ajuda, no que pudermos fazer, em termos de publicidade, fazer algo para prevenir esses casos.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Um mapa epidemiológico atualizado. Se as senhoras puderem providenciar para nós.

O doutor também, se puder, colocar um pouco dessa sua explanação para que essa Comissão possa, depois, distribuir para os demais.

De repente, podemos também abrir um site na Câmara. Peço para a presidência, em nome da Comissão de Saúde, para estar orientando a população e mobilizando-a, num trabalho contínuo.

Porque, pelo que entendi, e a doutora nos disse, que já que, no ano passado, diferente de todas as outras regiões, como, por exemplo, Casa Verde que não tinha quase dengue, agora tem uma escala maior do que onde a senhora trabalhou, lá no Jaçanã – Tremembé, onde tinha muito, e agora não tem.

A senhora acha que é por causa do trabalho que se fez de combate no ano passado, que reduziu. É isso?

A SRA. NANJI MARÇAL BASTOS – É, e também há a questão da população ter sido imunizada por esse sorotipo, que atingiu a região no ano passado.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Provavelmente é o mesmo sorotipo.

R – Provavelmente. A gente não tem ainda o mapeamento, mas a gente que as ações interferem. Se trabalhamos muito intensamente num ano, no ano seguinte, há uma influência também. Há esses fatores, que são questões que têm que ser avaliadas e melhor

estudadas.

P – Vou fazer uma pergunta para os três. Quais são as dificuldades, para que a gente pudesse tornar um trabalho mais rápido, mais ágil, mais palmilhado, mais de casa em casa, de modo que a gente não fique à mercê dessas notícias? Dizem que, até maio, ainda pode subir muito mais, pelo jeito que as coisas estão andando. Falta investimento? O doutor bem disse que o córrego é água corrente, e, muitas vezes, há esgoto. Às vezes, há lixo industrial, esgoto industrial. Dificilmente o mosquito vai dentro do córrego, mas nas margens dos córregos.

A Subprefeitura da Casa Verde/Limão/Cachoeirinha ficou sem contrato de equipe de limpeza de córrego em quase um ano, por incompetência e má vontade. Isso eu não posso admitir. Aí a coisa foi maior. Posso garantir para os senhores que eu fui fazer um estudo. No quarteirão onde mais pessoas pegaram dengue, há um depósito de carros. Hoje quanto aos carros abandonados nas ruas, o Governo diz: “Olha, subprefeitura, pega e leva para algum lugar”. Então, colocam num terreno da Prefeitura. Esse carro está com o vidro quebrado. Ele vai acumular água. Ele vai ser um criadouro, e ninguém está entrando lá para ver isso, porque ninguém se toca e porque o mato, muitas vezes, cobriu esses carros, que foram abandonados. É uma coisa cultural. Nós levantamos isso na CPI das áreas contaminadas. O depósito de automóvel não deixar de estar contaminando áreas também. Nós temos um contrato do lixo vergonhoso na cidade de São Paulo. Não foi feito por esse Governo, mas vem de alguns anos. A companhia de lixo é responsável também para subempreitar as limpezas de boca de lobo e de limpezas de córregos. Foi dividida a cidade de São Paulo como houvesse feudos. Do centro para lá é uma tal de Soma e do centro para cá é uma tal de Nova. O que a gente vê são lixos em praça pública.

Então, nós estamos querendo fazer uma campanha para alertar a população, envolvendo a população no combate do mosquito, mas nós também temos que alertar o Governo contra esses desmandos, incompetência e falta de atuação contratual. Ou desfazem

contratos, multam ou os colocam para catar mosquitos e serem picados de dengue. A minha região é uma das que mais há lixo acumulado nas ruas. Multam, porque os técnicos multam e eles mesmos analisam a multa, porque é um contrato único. Ninguém paga multa de nada.

Então, existe uma realidade por trás da dengue, que não é só o aparecimento de um mosquitinho não. Não é só o problema da falta de água. Também deveria ter sido prevista também uma responsabilidade dos técnicos e do Governo do Estado. Claro que é. Ninguém aqui está querendo pôr pano de fundo e encobrir nada. O que a gente quer é salvaguardar a saúde e o bem estar da população. Há alguns contratos mal feitos e que vigoram até hoje. E caem em cima de quem? Dos senhores. Há meia dúzia de funcionários. É preciso mais? É o dinheiro do Governo Federal que não está vindo? As luvas foram dadas para aquele povo? As máscaras foram dadas? São condizentes? Uniformes foram dados? A gente não sabe como ficou, porque não tivemos mais retorno da última audiência pública, mas nós sabemos que o que reivindicaram de melhoria trabalhista, nós conseguimos, nesta comissão, junto com a Secretaria e junto, por meio do Sr. Eurípedes, que tem essa facilidade de carreira, porque ele é especializado. Ele é uma das pessoas que fundou o sindicato dos médicos e é sindicalista.

Então esses jovens, esses trabalhadores foram contemplados naquilo que pediram para nós, mas a gente queria ver a atuação deles de volta nas ruas nesse ano. No ano passado, eles estavam presentes, com toda a dificuldade. Estavam faltavam luvas, mas eles estavam presentes. Eu via. Diziam: “Meu casaco é pequeno”, mas estavam presentes. Neste ano, eu não vi. Neste ano, há muitas denúncias no nosso escritório, no nosso consultório. No ano passado, nessa época, já tinham passado na minha casa; e, nesse ano, ninguém veio na minha casa ainda. Então, queria saber se está faltando funcionários. É para nós aqui desta comissão ir agora bater na porta do Sr. Prefeito, falando: “Olha, tira do investimento que V.Exa. está fazendo para algum lado e coloca na prioridade, na Saúde. Dê dinheiro para a Saúde”? É o Sr. Prefeito? Não? É o Governo Federal? O que está acontecendo? Então, é isso que a gente queria saber, das dificuldades. Sei que é uma equipe aqui de competência e de trabalho,

e estão vindo aqui para nos ajudar e nos orientar. Estão se expondo, porque sabem que estão cumprindo os seus deveres, mas nós queremos saber onde a gente pode ajudar mais, porque até a comunicação que eu pedi não veio, nem da Prefeitura nem da Câmara até agora.

Eu espero que alguém vá lá falar com o Sr. Presidente ou alguém da TV Câmara, alguém que cuide da mídia, da programação da mídia, para falar com os senhores. Dê-me esse material, que eu vou passar aqui também para divulgar pela TV Câmara.

NÃO IDENTIFICADA – Primeiro, informo à Mesa que estão presentes também as Sras. Miriam, representando a Atenção Básica, a quem eu agradeço; Rosa, nossa gerente do Centro de Controle de Doenças; Rosane, gerente do CCZ; companheiros do sindicato, da nossa mesa de Zoonoses; o pessoal da Sudeste; a equipe da Norte; a nossa Assessoria de Comunicação e Imprensa, da Secretaria Municipal de Saúde e o Sr. Eurípedes, que nos ajuda sempre.

As nossas ações iniciam-se quando a gente recebe uma notificação de caso. O que é notificação de caso? É a pessoa que vai a qualquer serviço de Saúde. No município de São Paulo, o serviço de Saúde, na medida em que faz a suspeita de dengue, preenche uma ficha de notificação e encaminha para a Vigilância. É, por meio dessa ficha, que a gente começa todo o trabalho de investigação, desencadeando as ações que essa suspeita gera.

No município, desde o ano de 2014, a notificação passou a ser obrigatória em 24 horas. É a notificação imediata. Então, qualquer serviço de saúde, seja público, seja privado, uma vez havendo a suspeita de um caso de dengue, é obrigado a notificar em até 24 horas, para que a Vigilância inicie as suas ações.

Então, o caso notificado é uma suspeita. A partir dessa suspeita, então são realizados os exames que vão confirmar ou não esses casos. Então, os confirmados são aqueles que passaram por todo o processo até chegar ao diagnóstico.

Quanto à questão do coeficiente de incidências, é o número de casos que identificamos em relação a 100 mil habitantes. Então, no caso da sua região, está entre zero a

cinco para cada 100 mil habitantes. Esse é o coeficiente de incidência que a gente utiliza.

Em relação às atividades que a gente tem desencadeado, a rotina é permanente. Então, em épocas que a transmissão cai, a gente fica com as atividades de rotina, a visita de casa a casa e distribuição de material educativo. Em época de transmissão alta, toda força de trabalho fica direcionada para aqueles locais onde há as notificações, porque a ação tem que ser o mais rápido possível. Obviamente que nós temos hoje, em campo, especificamente para as ações de dengue, nesse momento de alta transmissão, em torno de 2.200 agentes de zoonose. Eles não exercem só as atividades de controle da dengue. Eles também são responsáveis por controle de roedores, controle de abelhas e controle de todos os animais sinantrópicos. Adiciona-se a isso todo o programa de coleta de água para controle de qualidade. Esse também é um trabalho dos agentes de zoonose.

O SR. ANIBAL DE FREITAS – Equipes específicas de dengue os senhores não têm?

R – Não, não temos.

P – Então, quantas equipes nós teríamos em cada subprefeitura?

R – Em épocas de alta transmissão, a equipe é praticamente toda direcionada para o combate à dengue, e eventualmente, numa necessidade, numa priorização, a região geralmente estabelece, se precisar pontualmente agir em alguma outra ação que não seja de dengue, uma equipe obviamente é deslocada para atender, mas o contingente fica direcionado para ações de combate à dengue.

P – Porque o nosso Prefeito está entregando ou já entregou um veículo.

R – Da Defesa Civil.

P – Da Defesa Civil para a dengue. Não é isso?

R – É, esse veículo ganhou um equipamento de som, uma gravação que alerta a população onde vai acontecer ações de dengue, para que ela colabore e que permita a entrada dos agentes, dizendo que vai haver uma dengue naquele local.

Eu recebi uma informação, que também nós fomos autorizar a colocar, pela Cidade Limpa, faixas, que vão ser disponibilizadas, em breve, pela Assessoria de Comunicação.

P – Sr. Presidente, a gente tem que dar voto de louvor a esse pessoal da Saúde, porque para uma equipe para cuidar de tudo isso, os senhores são heróis. Não é fácil não. Eu acho que o Governo deveria dar um cuidado mais especial aos senhores, porque os senhores terão que se desdobrar muito, muito. São Paulo é gigante, São Paulo é grande e os senhores são pequenos. A vontade é grande, lógico.

Então, esta comissão precisa atuar muito forte perante o nosso Executivo, para que dê condições a eles prestarem o serviço que querem prestar. Eles não têm condições não por que não queiram não. Eu conheço o que é ser funcionário da Prefeitura. Eu sou também funcionário público aposentado e sei o esforço que os senhores têm.

A nossa Supervisora Vera é maravilhosa e fantástica, e toda a sua equipe fazem esforço para atender à comunidade.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Fazem o possível e o impossível. A gente podia tirar dessa audiência pública um documento desta Comissão para o Sr. Prefeito ver como S.Exa. pode disponibilizar mais recursos, porque tirar recurso de dentro da própria secretária é descobrir um santo para vestir outro, quer dizer, tirar de um hospital de urgência e emergência para colocar na rua. Façam uma contratação de emergência. Há a Secretaria Municipal do Trabalho. Em vez de fazerem política, contratando indicação de A, B ou C para trabalhar em campanha eleitoral, coloquem gente para combater a dengue. Essa é a realidade. Em vez de colocar gente para ajudar, para fazer barraquinha e venda ilegal na rua, coloquem gente para combater a dengue. As coisas têm que ser sérias.

Esta Comissão vai encaminhar as dificuldades. Por isso que a gente está batendo muito nas dificuldades. Não é que estamos menosprezando o trabalho dos senhores e quem os estão acompanhando. É o contrário, nós queremos valorizar, porque a coisa está ruim, e a tendência é que isso vire. Há coisas que só Deus entende, mas a gente não entende. Eu já

trabalhei muito em pronto-socorro e sei disso na própria prática. Vi pacientes desenganados, e, de repente, levantam-se e saem andando. Há pacientes que estão bem, afundam-se e ninguém os tira de lá. Há coisas de Deus no meio. Todavia a gente tem que fazer a nossa parte. A nossa parte hoje é estimular o trabalho dos senhores, pedir para a Secretaria Municipal de Comunicação enviar mais verbas, ou trabalhar em conjunto com a Secretaria de Comissão da sua secretaria. A Câmara Municipal também tem uma Assessoria de Comissão que poderia estar atuando em conjunto com os Vereadores, que poderiam estar assinando um documento com o Sr. Prefeito. A gente poderia estar enviando isso por meio da Presidência. Precisamos hoje de uma contratação de emergência, de pessoas que possam ser treinadas da noite para o dia, principalmente pessoas da região, que já conhecem os focos. Há 2.000 trabalhadores para São Paulo todo. Eu conheço político que tem 2.000 cabos eleitorais no momento da eleição. Nós não estamos buscando votos. Nós estamos querendo acabar com a doença. Então, 2.000 é muito pouco. Pasmem, eu conheço políticos que têm 2.000 cabos eleitorais numa campanha pequeninha. Nós precisamos de 2.000 agentes? Precisamos de muito mais. Uma contratação de emergência vem a calhar. Falo dessa divulgação da conscientização da própria população.

Trago um assunto à baila aqui, que nós já discutimos na semana passada. Uma cidade do interior colocou drones, detectou os locais por cima rapidamente e intimou o dono da propriedade, dizendo: “Se não limpar, é multa”. É uma intimação.

O senhor disse o drone ia tirar a liberdade das pessoas, mas, numa situação de calamidade pública, é uma situação de guerra. Eu não sei de poderia ser usada essa tecnologia. Eu estou levando aqui algo que está acontecendo em algumas cidades do interior de São Paulo. Os técnicos da Prefeitura poderiam estar pensando nisso também. A nossa função vai ser ouvir os inscritos. Os senhores podem responder, e nós podemos elaborar, de repente, um documento já de pronto, para o Sr. Prefeito atender às demandas das necessidades, para que o trabalho seja melhor feito.

Tem a palavra o Sr. Lemuel Lemos.

O SR. LEMUEL LEMOS – Boa tarde. Eu vim, na reunião de hoje, para cobrar três coisas. Primeiro da SMS, quanto ao Sr. Eurípedes, referente à devolução que foi apresentada para o Sr. Secretário José de Filippi na prestação de contas, na qual eu denunciei as fraudes e a prestação de conta irregular que ele estava apresentando naquele dia. Cobrei também uma devolução quanto ao ofício 606, que foi tramitada, no ano passado, nesta Casa. Há duas ou três semanas que eu tento entrar em contato em SMS, e não tive nenhum retorno. Isso é a primeira coisa. Segundo, eu gostaria de alertar que, na 25ª audiência pública do ano passado, na qual o Vereador Natalini estava presente, foi chamada aqui a Sra. Heloísa, coordenadora. Foi passado para ela um caso, que é pertinente a essa mesma denúncia, sobre fraude, sobre desvio de verba de dentro do SUS e sobre sistemas paralelos, que estão sendo atribuídos em unidades não só da Norte, como foi apresentado desde o ano passado, mas também da Leste.

Na semana passada, houve uma consulta que foi gerenciada a partir da Sra. Heloísa, que seria realizada na segunda-feira passada, no dia 9. Foi realizado e novamente ocorreu o mesmo que está havendo desde o ano passado. Dessa vez, antes de se expirar o prazo, eu entrei em contato com todas as coordenadorias do hospital e encaminhei documentos para Ouvidoria da própria parceria da Prefeitura e encaminhei documentos também para o Ministério Público, com prazo hábil administrativo, para que inibissem, para que não deixassem acontecer, e não fizeram isso.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Eu vou fazer um pedido para a Assessoria desta Comissão, para a Procuradoria desta comissão, que auxilia, que é a parte jurídica. A senhora pode analisar para nós a documentação que ele tem de prova e contraprova, para saber se há indícios ou se realmente há desmandos. É aí onde a gente vai atuar. Está bom? (Pausa) Agora não é nem mais comigo, é com a comissão e a Procuradora.

R – Quando houve a comissão da audiência, V.Exa. era Presidente e já está de posse de documentos desde o ano passado. Inclusive agora, nessa prestação de contas que

houve, se os senhores notarem, houve uma informação. Foi passado esse gráfico que está sendo apresentado sobre o Cata-Bagulho. Apresentaram oito prestações de contas, oito atividades executadas. Apresentaram nove lugares. A Prefeitura está trazendo há muito tempo documentos irregulares fraudados e V.Exas. estão aceitando, sem ter nenhuma visão técnica quanto a isso.

P – O senhor traz para a gente. Nós vamos passar para a Procuradoria da Casa. Entendeu?

R – OK.

P – É uma coisa mais embasada, dentro da legalidade. Da minha parte, eu fiz. O senhor passei, eu passei, a resposta veio e eu lhe passei. Foi indo, mas agora a gente vai tomar outra providência. Está bem?

R – Falta a parte de fiscalizar, nobre Vereador.

P – Vamos lá. Vamos firmes. Obrigado pelo senhor trazer essas coisas para a comissão também. Claro, se não há o contraditório, a gente nunca avança, para saber o que está errado e o que está certo.

A Brasilândia é um dos lugares onde há maior incidência em São Paulo.

NÃO IDENTIFICADO – Vou dar uma resposta da nossa secretaria. Nós gostaríamos que a comissão enviasse-nos as notas taquigráficas do Sr. Lemuel e da prestação de contas, porque ele fez as considerações que V.Exas. ouviram. Nós gostaríamos de, mediante essas falas, fazer a resposta oficial da Secretaria. Só isso.

Obrigado.

P – Será apontado direitinho.

Tem a palavra o Sr. Lúcio Neves, do Conseg Brasilândia.

O SR. LÚCIO NEVES - Boa tarde a todos. Primeiro quero notificar sobre um documento que foi protocolado aqui, no dia 25-9-2013, pedindo para esta Comissão de Saúde fazer uma plenária da nossa região de Vila Brasilândia.

Tivemos algumas situações em outra gestão, quando recebemos a Comissão lá, nos apoiando em todas as nossas necessidades. Eram os Vereadores Natalini, Juliana Cardoso e assim por diante.

Esse documento foi protocolado, em 2013, e não tivemos resposta até agora. Talvez, se tivéssemos sido atendidos, teríamos prevenido alguma situação desagradável na nossa região da Vila Brasilândia e Freguesia do Ó. Está aqui protocolado, até agora não obtivemos resposta.

Quero parabenizar a Dra. Jurema que está aqui, assim como a Dra. Tereza, que são pessoas da Norte nossa, fico contente em vê-las, com essa situação que hoje estamos passando na região. Não é incapacidade dos serviços delas, mas do Governo do Estado e do Município, que estão deixando muito a desejar.

Na outra sessão, o senhor citou o Hospital Vila Penteado. Há problemas lá sim. Eu obtive todas as informações sobre esse hospital, com o Dr. Sil, que é o diretor, porque em questão de Conseg ainda há o movimento da Saúde lá, no qual eu faço a coordenação. Sabemos das dificuldades. É governamental? É governamental, mas não podemos nos esquecer que temos ainda o Hospital de Taipas e o de Vila Nova Cachoeirinha.

Há também a questão do único pronto socorro nosso que é municipal, da João Paulo que também passa por algumas dificuldades.

Hoje nós vemos a luta do Hospital Vila Brasilândia. Penso que se a Comissão de Saúde der uma atenção para nós, lá na região, se conseguirmos arrumar a casa tanto no estadual como no municipal, nos hospitais que temos, no pronto socorro atual, as AMAs e UBSs nossas que estão em condições de limite também, penso que seria favorável.

Peço à Comissão de Saúde que dê uma atenção na nossa zona Norte que já foi pedido, tenho protocolo já, de 2013, até agora não tivemos atenção e hoje temos o problema da dengue.

Na região da Vila Brasilândia hoje há um número alto de pessoas contaminadas

com a dengue. Mas a questão é esta, não é falta de trabalho deles, a atenção está sendo dada. Talvez como hoje a Prefeitura está passando com os carros avisando, tudo bem.

Na Rua Guarairas foi onde se deu o caso maior, provocamos uma situação da imprensa lá, houve a disponibilização dos carros. Mas tudo que posso dizer é que faltou um pouco de atenção e um trabalho maior de conscientização.

Quero deixar bem claro, se vai acontecer essa questão junto ao Hospital Vila Penteadado, eu gostaria de ser comunicado, também, para participar e levar as necessidades, porque é o estadual. Mas vamos cuidar um pouco mais do municipal nosso também, porque resolve bastante a situação.

Quando ao Dr. Sil, que é o administrador lá, estou lá quase que semanalmente, tenho todos os dados desde a falta de faxineiro até as demais questões. Mas o mais importante para nós é darmos atenção.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) - Procede isso que eu disse no início, sobre o Hospital Penteadado?

O SR. LÚCIO NEVES - Procede, é claro, inclusive tive um problema domingo e hoje já tive uma ligação de lá também. Procede sim, algumas posições que foram colocadas.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) - Está bom. Vamos juntos lá.

O SR. LÚCIO NEVES - Está o.k. então. Eu gostaria de rever essa questão aqui, porque é muito importante voltar a participação da Comissão de Saúde na nossa região.

Muito obrigado.

O SR. WADIH MUTRAN - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) - Pela ordem, Vereador Wadih Mutran.

O SR. WADIH MUTRAN - Anterior a este senhor, o rapazinho falou sobre uma série de denúncias que fez ao Ministério Público, Comissão de Saúde. Agora estou ouvindo outro cidadão falando que já fez uma denúncia em 2013. Não podemos ficar nessa situação. Veio um cidadão, com toda boa vontade, para nos ajudar e falar das irregularidades que estão

na rua. Hoje ele veio dizer que não foi tomada providência alguma. A Comissão precisa ver todos os problemas que estão acontecendo e as denúncias que estão chegando aqui hoje. Precisa rever tudo isso para, mais tarde, podermos dizer quais as providências foram tomadas. Porque deixar o cidadão vir falar no microfone e eu ficar aqui ouvindo e não sei de nada, não adianta.

Portanto temos que nos reorganizar para que possamos dar a resposta para aquele cidadão. Eu gostaria de ter a resposta dele e não tenho. Dentro da Comissão precisa haver alguém que vá tomar uma providência, fazer um ofício, o Presidente o assina, encaminhamos ao cidadão uma cópia do ofício das providências que a Comissão tomou para ele não vir dizer que até agora não foi feito nada. Assim teremos um documento assinado por ele, mostrando que foi citado do que aconteceu e quais as providências que a Comissão tomou. Porque se for para vir aqui e ficar de braços cruzados, não venho.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Obrigado, Vereador. Se o senhor puder protocolizar novamente, será dado o devido encaminhamento.

Trabalhei na urgência e emergência de Taipas, no Hospital de Pirituba e no XXI de Junho, o único hospital municipal que atendia às emergências lá nos finais de semana. Conheço muito bem aquela região, trabalhando inclusive nas emergências.

A próxima oradora é a Sra. Leide, do Jaraguá. O Jaraguá também está com uma grande incidência, não é?

A SRA. LEIDE – Boa tarde a todos. Moro no Jaraguá há 35 anos e nunca vi uma incidência tão grande de pernilongo como de mosquito da dengue que está acontecendo no nosso bairro, no Jardim Santa Lucrécia. Já fizemos mil protocolos, até agora não tivemos nenhuma resposta.

Existe um terreno, ao lado do ecoponto, que é da Prefeitura. Está lá há 35 anos e nunca fizeram uma limpeza. São os moradores que fazem vaquinha, um senhor tem uma

roçadeira, a gente coloca gasolina e ele limpa. Nós usamos esse terreno como travessia, porque a Avenida Alexios Jafet é perigosa. Mas tem lixo de todo tipo.

Hoje, na nossa cesta básica, o primeiro item é o inseticida. Isso não é normal porque ele faz um mal danado para a saúde. O doutor falou do fumacê, quero saber por que ele não passa na nossa vila, porque tem dengue.

Quanto a armazenar água, o Jaraguá por ser um bairro alto, um dia não tem água, no outro também não, então, qual a nossa única saída? Armazenamento de água. Nossos filhos trabalham, precisamos tomar banho, comer. A gente cuida, mas os outros não. Falta tudo lá.

Vereador Calvo, político aparece na época de eleição. Eles aparecem e depois a gente nem consegue um contato para levar as necessidades do bairro.

Queremos que a Prefeitura dê o exemplo, limpe aquele terreno, roce aquele mato e tire aquele lixo todo, porque o que adianta se nós cuidamos da nossa casa, mas a Prefeitura não cuida daquele terreno. Por isso o mosquito da dengue está lá, em paralelo, e entra na nossa casa. As casas vivem fechadas, porque se a gente abre, já vem aquele enxame de mosquito da dengue. Ele fica esperando para atacar.

Por favor, mande o fumacê, faça alguma coisa e limpe aquele terreno. O terreno é enorme, dá uma UBS enorme, dá um centro de convivência. Está lá parado, o que ganhamos foi um Eco ponto e o resto do terreno ficou lá parado criando mosquito da Dengue.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) - É da Prefeitura do Município de São Paulo?

A SRA. _____ - É da Prefeitura. Mês passado, apareceu uma cobra imensa, que tivemos de chamar o Corpo de Bombeiros, ninguém tinha coragem de chegar perto, a pequenas a gente enfrenta, mas aquela era tão grande que não tinha condições. Observa como é a situação do Jardim Santa Lucrecia.

Pedimos, encarecidamente, que a Subprefeitura de Pirituba/Jaraguá, carpe o quintal, limpe aquele terreno todo e que façamos alguma coisa. Nosso sonho de moradora, é

que tenha uma UBS ao lado do Eco ponto, ia ajudar muita gente. É um bairro enorme, falar de AMA. AMA, o mínimo que a gente espera para o atendimento são quatro horas, se você está lá com febre, com dengue, com dor, ficar quatro horas sentada esperando. Vão todos embora para casa.

Outra coisa que vejo, convênio? Convênio não faz notificação de dengue. Fica um número vago, tem de pegar todas essas instâncias e fazer a notificação. Se tem 200 casos no Jaraguá, pode ver que tem 500, a maioria não faz notificação. Muito obrigada!

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Peço que a senhora deixa por escrito o endereço desse terreno. Com a palavra o Sr. Márcio Moreira, da saúde, Unidade Pinheiros.

O SR. MARCIO MOREIRA – Sou agente de saúde da Unidade SUBs Lapa/Pinheiros, há doze anos. Não vou fazer solicitações e tudo mais. Vou passar a visão do agente no caso da dengue, aqui em São Paulo, talvez, e algum momento, vá contradizer que os técnicos sabem, acreditam são parlamentados com números. A primeira coisa que digo, como agente, como cidadão trabalhando doze anos nesse serviço, é que, infelizmente a Dengue veio para ficar. A questão de falta de equipamentos, a questão de falta de pessoal, teoricamente corrigindo a Dra, Vilma, deveria ter 2700 agentes, em algumas unidades. Não sei se todas, não posso dizer pelas outras unidades, algumas conheço, outras não, entre nossos grupos. Mas em muitos casos os agentes estão sofrendo desvio de função tendo que trabalhar internamente, porque não existe a GPP suficientes na área administrativa para auxiliar nos agentes. No caso da falta, não sei se um dos seus colegas falaram, da falta de agente vistano, ou que a gente recebia...

Não sei se o colega falou da falta de agente, ou que a gente recebia era que, a cada 90 dias, deveríamos visitar uma residência, periodicamente, o trabalho casa a casa, depois veio o bloqueio e ADL. Nos 90 dias a gente passava nas residências. No caso da casa a gente tem um problema que é a alta rejeição dos moradores por nós.

As casas fechadas, é obvio, as casas que nos recusam, os moradores chegam a

mentir para a gente, eu sei um exemplo, e já vi várias situações. Eu era responsável por uma região fazia durante um mês, batia na décima casa de um quarteirão, daí o morador pelo interfone falava: “não precisa, seu colega passou ontem.” Outras vezes você sabia pelo tom do morador: “eu sou empregada da casa, lamento moço, não tenho autoridade”. Ou: “vocês teriam de passar uma notificação, avisando que vocês passariam no dia de hoje, aí a gente tendo ciência disso, os patrões autorizariam a entrada.” No caso da dengue que veio para ficar, não são todos os moradores que cuidam, alguns são relapsos de fato.

Existem três tipos de moradores aqui em São Paulo: aqueles que cuidam, aqueles que acham que cuidam e aqueles que não estão nem aí que a vaca tussa. Uma vez aqui nas regiões mais nobres, foi na Rua Grécia, o senhor tinha uma pilha de bagaço de laranja perto do muro. Eu o orientei que os bagaços de laranja iriam atrair ratos para dentro da sua casa, ele me respondeu: “nunca tive problema de rato, moço, deixa quieto isso aí.” As regiões pobres, as pessoas aceitam as nossas orientações, às vezes, tem a preocupação da dengue, as vezes não podem fazer o que deveriam fazer. As regiões ricas tem a questão da violência, tem a questão da soberba também. Os patrões são médicos, são biólogos, um tempo atrás, há dois ou três anos, fiz o quarteirão do Eldorado Shopping Iguatemi com uma equipe em pelo menos um quarteirão de vários, foram vários, de dois a três focos, teve uma casa numa varanda com várias jardineiras que não estavam sendo utilizadas, havia em torno de 120 larvas. Eu e a babá viramos e a varanda da mulher ficou entre água e larva. O problema também é que há falta de pessoal, corrigindo, não existem técnicos de saúde, existem de agentes de apoio/zoonoses e agora seríamos agentes de saúde/combate a endemias, técnicos eu não conheço, conheço no máximo, dentro do meu serviço, as biólogas, enfermeiras e médicos, técnicos. Tem o TVS, que é um programa restrito há poucos agentes que agora estão sendo graduados e mesmo assim eles não estão dentro do organograma da Prefeitura, é essa a nossa briga. A questão que acho que é um tiro no pé de parte da prefeitura é que tentamos, como falei uma vez para a técnica da nossa unidade, ganhar o morador no sorriso. Faça isso minha senhora, faça isso senhor.

Não tem ameaça de multa, uma infração. Para vocês terem uma ideia de epidemias de dengue a primeira minha foi no Alto de Pinheiros, uma região, se fechada a região daria epidêmica, foi assim no Alto de Pinheiros, se fosse o Alto de Pinheiros uma pequena cidade seria naquela época a terceira cidade com maior casos de dengue na época depois passaram dois ou três anos, foi a região do Itaim, no quadrilátero entre a Berrini e água espaiada, Santo Amaro, e uma outra avenida que esqueci o nome no momento.

Ano passado foram as regiões da Lapa e do Jaguaré embora no Jaguaré já notamos que no ano retrasado, antes do Natal, o surto de dengue já estava aparecendo. O caso é esse. Uma colega falou uma vez, quem atende hoje, vai atender amanhã, quem não atende hoje, dificilmente vai atender amanhã. Muitas pessoas são desinformadas, houve o caso há um tempo atrás daquela atriz Gorete Milagres, o namorado dela contraiu dengue na região de Alto de Pinheiros e ela acusou a gente de não ter comparecido à região.

Eu mesmo fiz aquela região diversas vezes, conheço praticamente o nome de todas aquelas ruas, então, não tem aquela expressão: “o agente não compareceu”, é claro existem agentes que não fazem adequadamente seu serviço, como existe em qualquer serviço.

Aos poucos estamos recebendo equipamentos e outra coisa nos doze anos que estou de serviço ficamos pelo menos, eu calculo, oito meses sem carros.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Os equipamentos foram anotados aqui pelos coordenadores, diz que está faltando, para ver o que está faltando, a questão trabalhista e de técnicos com certeza deve estar acompanhando, vamos ver se a gente chega a bom termo.

Tem a palavra o Sr. Laerte Brasil.

O SR. LAERTE BRASIL – O Sistema Único de saúde está completando 20 anos e estou na militância desde que se instalou o SUS e entrei com um projeto idealizando um projeto do Samu. Participei de 14 conferências nacionais e mais de 250 municipais e estaduais. É o melhor sistema de saúde do Planeta, só que não de gestão e há a corrupção que colocou o SUS numa verdadeira bancarrota. Investigamos até hoje foram roubados quase trezentos

bilhões. O ex-governador do Distrito Federal, de Brasília, deveria espelhar a saúde pública do país, ele conseguiu desviar quase 50% dos quatro anos de Orçamento público da saúde, sucateando e colocando a saúde do Distrito Federal na bancarrota e transformando os hospitais tanto privados, quanto públicos num verdadeiro matadouro humano.

A nossa central, que é a Unicosmos Sustentabilidade Cidade, vão publicar um livro sobre sistema único, denunciando todas essas mazelas dos vinte anos até agora, que foram implantadas no País. Vão fazer uma investigação de quantos cidadãos perderam a vida no País por causa do dinheiro que roubaram do sistema.

Só no ano passado, a Sra. Dilma Rousseff e o Sr. Lula distribuíram nesta Casa, quando o Sr. José Américo era Presidente aqui, 665 milhões de dinheiro roubado da Petrobrás. Esse dinheiro foi distribuído para todo lado. Trezentos milhões foi para o Sr. Prefeito e, numa operação terrorista com alguns membros, com alguns servidores da biblioteca da Câmara e a Assessoria, que pegaram propina, fizeram uma operação, vamos dizer, armada e acabaram me roubando quase seis mil reais, dinheiro que a gente ia registrar a central, que foi o ano passado.

A Sra. Dilma, o Sr. Lula e vários políticos ligados à corrupção, só em janeiro e em fevereiro, distribuíram oito bilhões de reais para o Exército, através do Comandante aqui do 2º Exército. Enquanto S.Exa., malandramente, e os seus colegas, malandramente, fazem as operações terroristas, na área política, e na área militar, e, a público, fica usando tática de vampiros. É uma verdadeira farsa que eu vou denunciar na ONU e vou denunciar em tudo quanto é lugar.

Agora voltando aqui para a dengue, Sr. Presidente, eu acho que a esta comissão tem que articular com o Sr. Secretário Municipal de Saúde e mobilizar os seis mil agentes de Saúde, para uma política preventiva de combate à dengue nas residências.

Obrigado pela palavra.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Há dois mil agentes. Tinha que ser seis mil mesmo.

Quem sabe.

Tem a palavra a Sra. Claudia Birle.

A SRA. CLAUDIA BIRLE – Voltando à dengue, queria fazer uma questão. O pneu continua sendo um dos grandes vilões de dengue. A gente sabe que há um compromisso com as fabricantes de pneus, de recolherem os pneus inservíveis, mas esses agentes também sabem que conseguem dar conta de todo o material que há por aí.

Eu queria entender por que a Prefeitura não aceita, nos seus ecopontos, os pneus inservíveis na Cidade. Então, o borracheiro tem que ficar lá esperando alguém passar, um caminhãozinho passar para recolher os pneus inservíveis, e aí acabam parando esses pneus em diversos lugares, virando um ótimo local para os mosquitos desenvolverem-se.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – A gente podia pedir para o Sr. Secretário, para o Sr. Prefeito mandar um decreto para essas situações, para haver melhor atuação.

E por que não os carros abandonados? E por que os fabricantes, que ganharam muito dinheiro, também não pegam essas sucatas para poder transformar, compactar, como ocorre nos Estados Unidos? Mas fica para a Prefeitura recolher e colocar isso nos terrenos.

A SRA. TEREZA – Eu sou médica da Assessoria Técnica da Coordenadoria Regional de Saúde Norte. Estou realmente hoje representando o Sr. Alberto.

Eu estava conversando com a Sra. Leide, sobre o terreno na região do Jaraguá. A gente estava até falando com o representante da Subprefeitura de Pirituba/Jaraguá. A Sra. Leide vai estar indo lá até amanhã para esclarecer, porque, segundo o representante da subprefeitura, esse terreno, onde está o ecoponto, é público e está cercado e bem cuidado. Quanto a esse outro terreno que a Sra. Leide falou, que está com muito mato e precisa ser limpado, existe uma dúvida, se ele é público, se ele é municipal mesmo ou particular. O representante da subprefeitura fala que é um terreno particular, mas a Sra. Leide vai estar junto com o supervisor de Pirituba/Perus amanhã na subprefeitura.

Em relação à coordenadoria Norte, que está com todos esses números de casos

apresentados, posso falar o que tem sido feito, no sentido de melhorar a assistência na região. Então, desde o início do ano, com esse aumento progressivo do número de caos, com todas as unidades, os equipamentos de Saúde, UBSs e AMAs e prontos-socorros, nós temos feito já várias reuniões recentemente na semana passada, com os serviços de urgência, AMAs, PSs e hospitais da região, inclusive os hospitais estaduais, no sentido de melhorar essa assistência.

Estamos fazendo modificações nas agendas, nas ações programáticas das unidades de Saúde, para que elas realmente ampliem o acesso à população nesse atendimento imediato, melhorando e desafogando um pouco as portas das urgências, para diminuir esse tempo de espera, que a gente sabe que está havendo nas AMAs e nos prontos-socorros. Então, há uma série de ações desenvolvidas, no sentido de melhorar a assistência na região, quanto ao que a gente tem hoje, com os equipamentos que estão hoje implantados.

Fora isso, existe a previsão de construções de Unidades Básicas de Saúde na região e reforma e ampliação das UPAs. Isso já é uma questão que vai começar no decorrer deste ano. Emergencialmente a gente está adequando a assistência com os recursos que a gente tem.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Tem a palavra o Sr. Edson Fiuri, conselheiro gestor de Saúde do módulo Jaçanã/Tremembé.

O SR. EDSON FIURI – Boa tarde a toda a Mesa, ao Sr. Presidente da Comissão e a todos os presentes. Eu estive aqui, na quarta-feira passada, na outra audiência pública e vou novamente fazer o pedido, como hoje já deixei no escritório da comissão mais um pedido que eu venho fazendo a todos os conselheiros gestores de toda São Paulo. Acho que eles querem a mesma coisa, um pedido de auditoria, de esclarecimento de verbas e também de serviços feitos pela Secretaria Municipal da Prefeitura de São Paulo. Isso não está sendo passado. Há uma questão parlamentar de distribuição de verbas que não está sendo regrada pela questão da Prefeitura de São Paulo. Então, a gente pede esclarecimentos. O mais principal que venho

aqui pedir é que haja uma audiência pública entre todos os conselheiros com a bancada da Comissão de Saúde, para a gente poder chegar aos Vereadores da Comissão e ter o direito de falar. Há algumas lideranças de conselhos que abafam a nossa fala. Isso não é totalmente direito a nós conselheiros, porque uns são suplentes e outros são titulares. Há a comissão executiva pelas coordenadorias, que conseguem fazer as microrregiões abafarem a nossa fala.

O que a gente quer é simplesmente esclarecimentos do que é gasto. Isso não é passado para o Sr. Prefeito. É sancionada a lei no Congresso Nacional. É simplesmente pegar e falar o quanto é gasto por cada Prefeitura de cada Cidade deste País.

A gente quer uma CPI em cima do Hospital São Luiz Gonzaga, porque ele está abandonado. Não adianta a Coordenadoria Norte falar que está fazendo alguma coisa, porque não está. Não está sendo feito nada. O hospital está em calamidade pública. Instalaram um centro de diagnóstico lá.

Eu enviei esse pedido ao Ministério Público Federal, quando a Sra. Tami estava na direção da Promotoria de Direitos Humanos da Saúde e também ao Sr. Luís, do Ministério Público Estadual. Depois foi instalado esse centro de diagnóstico. A Prefeitura foi e emprestou dinheiro para a Santa Casa. Então, a gente quer uma auditoria sobre o São Luiz Gonzaga e todo o setor de Saúde Municipal. Não é crime o cidadão brasileiro pedir. Então, a gente pede essa força à ilustre Casa e aos ilustres Vereadores.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Nós vamos lá.

Tem a palavra o Sr. Eurípedes.

O SR. EURÍPEDES – Eu só queria lembrar a todos os presentes que o Sr. Secretário Estadual de Saúde esteve aqui no final do mês de fevereiro e fez uma prestação de contas do último quadrimestre do ano passado. Essa prestação de contas foi feita em cumprimento à lei 141/2012. Inclusive o percentual de gasto da Prefeitura de São Paulo com a Saúde está registrado. Salvo engano, está em torno de 19%, mas, de qualquer forma, quem quiser ver os números exatos, isso está disponível no site da Secretaria Municipal de Saúde,

na parte exatamente de prestação de contas. Então, a prestação de contas foi feita em cumprimento à legislação e está exposta para qualquer cidadão que queira ter acesso a ela.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Calvo) – Obrigado.

Se Deus quiser, juntos vamos ver cada caso o mais rápido possível. Gostaria que a senhora procurasse os Vereadores. Quem sabe esta comissão possa elaborar, de repente, uma sugestão para o Governo.

O assunto é empolgante e muito necessário e atual. Que Deus proteja muito os senhores profissionais, agentes de Saúde, e aqueles que fazem o controle da Saúde, a fiscalização da Saúde pelos órgãos sociais por si só. Os senhores estão lutando pelos doentes. Não há nada pior do que o carente doente. Então, que Deus ilumine e proteja a todos.

Poderemos fazer uma segunda audiência pública com novos dados. Se Deus quiser, já sai hoje um ofício para o Sr. Prefeito, sobre a necessidade de se investir mais também na área da Comunicação.

Muito obrigado.

Está encerrada a audiência pública de hoje. (Palmas)